A MÚSICA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA E DE APRENDIZAGEM

JULIANA APARECIDA DA SILVA CRUZ

RESUMO

Observamos hoje algumas dificuldades relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem: algumas relacionadas às crianças e outras, ao professor. Voltamos nossa atenção para a questão da aprendizagem e dos processos relacionados que podem ajudar na compreensão de conceitos e apropriação de conteúdos e vemos na música um instrumento que pode contribuir nesse processo. A importância da música como disciplina é um assunto relevante desde a antiguidade, pois a formação musical oferece o auxílio ideal para o desenvolvimento psíquico e emocional de crianças e jovens, porém aqui queremos ressaltar o uso da mesma em sala de aula para melhor aproveitamento dos conteúdos programáticos.

Palavras-chave: Música, Didática, Formação, Compreensão, Conteúdo.

ABSTRACT

We observe today some difficulties related to the process of teaching and learning: some related to children and others, to the teacher. We turn our attention to the question of learning and related processes that can help in the understanding of concepts and appropriation of contents and we see in music an instrument that can contribute in this process. The importance of music as a discipline is a relevant subject since antiquity, since musical training offers the ideal aid for the psychic and emotional development of children and young people, but here we would like to emphasize the use of it in the classroom for better use of the contents programmatic.

Keywords: Music, Teaching, Training, Understanding, Content.

INTRODUÇÃO

Para essa prática temos a Lei Nº 11.769 sancionada pelo presidente Luís Inácio no dia 18 de agosto de 2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que tem por objetivo geral abrir espaço para que os alunos possam se expressar, se comunicar, bem como promover experiências de apreciação e abordagem em seus vários contextos culturais e históricos. Temos uma riqueza cultural e artística vasta que precisa ser incorporada, de fato, no projeto educacional. Isso só acontecerá se escolas e espaços que trabalham com educação começarem a valorizar e incorporar, também, conteúdos e formas culturais presentes na diversidade da textura social. Neste artigo, vamos enfatizar a música como estimada sugestão.

Sabendo que há escolas e professores que preparam aulas que não despertam o interesse dos alunos, ocasionando a falta de atenção, o baixo rendimento escolar e um aprendizado mecânico, pretendemos identificar na literatura existente, como a música pode ser um recurso didático e o porquê a mesma não é utilizada com mais frequência como recurso de aprendizagem e memorização dos assuntos de cada disciplina, proporcionando assim uma aula mais dinâmica. No contexto escolar, a música ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida. Não significa que a música se torne o único recurso de ensino, mas de que forma pode facilitá-lo, pois o aluno convive com ela desde muito pequeno. A música pode ser uma atividade divertida e que ajuda na construção do caráter, da consciência e da inteligência emocional do indivíduo, pois desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, proporciona um estado agradável de bem-estar, facilita a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, sendo também um agente cultural que contribui efetivamente na construção da identidade do cidadão. Pode até mesmo transformar conceitos espontâneos em conceitos científicos. Existe uma indesmentível e forte correlação entre a educação da música e o desenvolvimento das habilidades que as crianças necessitam para se tornarem bem-sucedidas na vida. Autodisciplina, paciência, sensibilidade, coordenação, e a capacidade de memorização e de concentração são valorizadas com o estudo da música. Estas qualidades acompanharão os educandos em qualquer caminho que escolham para a sua vida. A aprendizagem, juntamente com a música, pode ter uma influência na formação das crianças que é apenas secundada pelo amor dos pais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A música também proporciona um importante modo de expressão pessoal. Todos sentimos a necessidade de estar em contato com os nossos parceiros e amigos. A autoestima é um subproduto desta expressividade. O uso da música na aprendizagem, também valoriza o trabalho em equipe, pois, para que uma orquestra tenha sucesso, todos os seus elementos têm que trabalhar em conjunto harmoniosamente com um único objetivo, o

desempenho, e têm que se comprometer a aprender a música, participar em ensaios, e praticar música em conjunto. Por isso, sua importância também em sala de aula. Para subsídio científico, ao longo da realização deste estudo, uma extensa busca por referências teóricas foi empreendida.

Contudo, os resultados dessa busca apontaram a pequena quantidade de trabalhos publicados que abordam a utilização da música nas aulas e seus fundamentos, porém, são referenciais de importante relevância. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa que adota a revisão bibliográfica de autores e suas obras para a obtenção de informações capazes de ajudar o desenvolvimento desse artigo. Optamos por ir a campo em busca de informações a respeito de práticas adotadas por professores que envolvam a música como instrumento. São abordados professores de escolas aleatórias com a finalidade de responderem a um questionário com questões fechadas e abertas, referentes ao assunto aqui tratado, tendo como objetivo averiguar se os professores utilizam a música como instrumento de apoio no processo de ensino aprendizagem e qual a sua importância como recurso didático- pedagógico no Ensino Fundamental I. Diante dos resultados obtidos em nossa pesquisa de campo e na busca por referências teóricas sobre o tema deste trabalho, nossas inquietações e desejo de estudá-lo mais profundamente tornaram-se ainda maiores. Acreditamos que esta pesquisa possa contribuir para a reflexão acerca da utilização da música nas aulas e assim promover a discussão sobre a relevância desse assunto.

A música, como qualquer outra arte, acompanha historicamente o desenvolvimento da humanidade. Antes mesmo do descobrimento do fogo, o ser humano já se comunicava por meio de sinais e sons rítmicos. Bréscia (2003), afirma que a música está presente em quase todas as manifestações sociais e pessoais do indivíduo desde os tempos mais antigos. Contudo, com o decorrer do tempo e com a modificação no espaço geográfico o homem tornouse civilizado descobrindo a linguagem e a escrita, mas, apesar disso, a música faz parte de seu contexto histórico na modernidade e na contemporaneidade. Assim como qualquer outro vestígio histórico, a música não pode ser utilizada como "prova" de uma verdade absoluta.

Como linguagem, ela tem sido considerada uma fonte para o conhecimento acadêmico, tal qual historiadores como Contier (1985) e Tinhorão (1998) 5224 apontam. Essa linguagem transforma-se em recurso didático na medida em que é chamada para responder perguntas adequadas aos objetivos propostos, um deles mais centralmente que é o de promover o desenvolvimento dos conteúdos programáticos a partir do processo de transformação de conceitos espontâneos em conceitos científicos. Soares (2008, p. 209) diz que a "utilização da música como recurso didático foi uma constante (...) considerávamos inovadora a análise de letras de música, e satisfatória a utilização do método 'ouvir e interpretar'". Tais considerações nos permitem acreditar que a música pode facilitar a compreensão do aluno, pois estabelece empatia entre autor/compositor e o mesmo.

A empatia é um conceito que ocorre quando todos os sujeitos – compositores e alunos – se identificam com o contexto histórico, passando a pensar historicamente, ou seja, se colocando no lugar do outro. Segundo Felgueiras (1994, p. 57): A empatia está associada à simpatia, à projeção de sentimentos ou, mesmo, à identificação com outros personagens (...). Se empatia for entendida como uma disposição para ter em conta os pontos de vista de grupos que, de um modo diferente de nós, acreditaram, valorizaram e sentiram determinados processos ou eventos, então, podê-la-emos também enquadrar, como alguns pretendem, nas atividades cognitivas. Assim, é possível levantar a hipótese de que o aluno, nas situações em que a música é utilizada como recurso didático, se identifica com o assunto, podendo transformar seus conceitos espontâneos em conceitos científicos. Gardner (1996), admite que a inteligência musical está relacionada à capacidade de organizar sons de maneira criativa e da discriminação dos elementos constituintes da música.

A música é composta basicamente por: Som: Vibrações sonoras regulares de corpos elásticos que se repetem com a mesma velocidade como as do pêndulo de um relógio. Sendo que as vibrações irregulares, são denominados ruídos. O que se chama de melodia é a sucessão rítmica e bem ordenada de sons, já a harmonia é a combinação simultânea e harmoniosa de sons, enquanto o ritmo é a combinação dos valores no discurso musical, regulados pela maior ou menor duração. Conforme Wilhems Apud Gainza (1988, p.36), cada um dos aspectos ou elementos da música corresponde a um aspecto humano específico que mobiliza com exclusividade ou mais intensamente, o ritmo musical induz ao movimento corporal.

A melodia estimula a afetividade, a ordem ou a estrutura musical (na harmonia ou na forma musical) contribui ativamente para a afirmação, ou para a restauração da ordem mental do homem. "Pitágoras, filósofo grego da antiguidade, ensinava como determinados acordes musicais e certas melodias criavam reações definidas no organismo humano. As sensações de bem-estar com a aplicação da música, já eram consideradas naquela época. Pitágoras demonstrou que a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura" (BRESCIA, 2003) FARIA

(2001) afirma que, para a aprendizagem da música, é muito importante, o aluno conviver com ela desde muito pequeno.

A música quando bem trabalhada desenvolve o raciocínio, criatividade e outros dons e aptidões, por isso, deve-se aproveitar esta tão rica atividade educacional dentro das salas de aula. Antigamente, a música era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da Matemática e Filosofia. A música no contexto da educação vem ao longo de sua história, atendendo a vários propósitos, como formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, a memorização de conteúdos, números, letras etc., traduzidos em canções.

No início do século XX, aparecem os métodos ativos de Decroly, Montessori, Dalton e Pakhurst, formando a nova escola. Esses pensadores trataram a música como um dos principais recursos didáticos para o sistema educacional, reconhecendo o ritmo como um elemento ativo da música, favorecendo as atividades de expressão e criação. Quando falamos na natureza do conhecimento de música, estamos antes de tudo, pressupondo a existência de um conhecimento proveniente da experiência musical.

A educação pela música proporciona uma educação profunda e total. "A música é um elemento de fundamental importância, pois movimenta, mobiliza e por isso contribui para a transformação e o desenvolvimento. A música não substitui o restante da educação, ela tem como função atingir o ser humano em sua totalidade." (GAINZA,1988). Caroline Cao Ponso (2008, p.14) reforça dizendo, que "a música é um saber específico, não com caráter fechado em si, mas que auxilia, interage, enriquece e é aprendida em conjunto com as demais áreas do conhecimento, seja matemática, literatura, ou a história." As atividades musicais realizadas na escola não visam à formação de músicos, mas, contato, vivência e compreensão da linguagem musical. Por isso, propiciar a abertura de canais sensoriais, facilitando a expressão de emoções, ampliando a cultura geral e contribuindo para a formação integral do ser.

A esse respeito Katsch e Merle-Fishman apud Bréscia (2003, p.60) afirmam que "[...] a música pode melhorar o desempenho e a concentração, além de ter um impacto positivo na aprendizagem de matemática, leitura e outras habilidades linguísticas nas crianças". De acordo com Gainza (1988) as atividades musicais na escola podem ter objetivos profiláticos, nos seguintes aspectos: Físico: oferecendo atividades capazes de promover o alívio de tensões devidas à instabilidade emocional e fadiga; Psíquico: promovendo processos de expressão, comunicação e descarga emocional através do estímulo musical e sonoro; Mental: proporcionando situações que possam contribuir para estimular e desenvolver o sentido da ordem, harmonia, organização e compreensão. Mateus (apud RAMIN, 2012) destaca que a música é elemento facilitador para a compreensão e aprendizagem do ser humano.

Essa visão é reforçada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais quando afirma que os alunos são capazes de utilizar as diferentes linguagens verbais, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998, p.7). Segundo Figueiredo (2004, p.

60), "aproximar música e pedagogia pode representar uma alternativa para que a educação seja compreendida, solicitada e aplicada sistematicamente".

O professor de Educação Infantil e Anos Iniciais, com conhecimentos em educação musical, além do trabalho musical em si, poderão compreender, com mais clareza, os objetivos da educação musical no espaço da aula, rompendo com práticas tradicionais, fragmentadas, que se sustentam, sobremaneira, no adornamento de rotinas da escola. Swanwick (1988, p. 89) confirma que a "música pode ser usada para propostas não musicais". [...] ampliar a visão de mundo, oportunizando e discutindo experiências que envolvem diferentes sistemas simbólicos construídos pela civilização, cada uma das artes precisa ser tratada de maneira consistente na escola e na educação em geral (Figueiredo, 2009).

O uso da música pode ocorrer de forma tradicional, com um professor de música e um conhecimento mais específico sobre o assunto, pode também ser aplicado por outros professores de outras áreas de ensino, com o uso de equipamentos como rádios, aparelhos de som e letras com interpretação ou ainda pode também ser trabalhada com o uso de tecnologia digital. O uso de softwares para ensino de música, já é uma realidade no mundo e pode ser aplicada na construção de conhecimento aliando prazer a tecnologia. Além da possibilidade do uso da música na forma mais simplificada, através de um simples aparelho reprodutor e o cd (mídia), acompanhado da letra e um comentário previamente elaborado, a música permite que se utilize jogos ou brincadeiras como ponto de partida para outras atividades. Jogos com etapas marcadas pela música, ou então a utilização da música com letra modificada numa espécie de paródia pode ser usada para auxiliar na fixação de conteúdo. A principal vantagem que se verifica quando se utiliza a música no ensino de uma determinada disciplina é a abertura.

Poderíamos dizer assim, que seria um segundo caminho comunicativo não verbal, pois a música desperta e desenvolve nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias da disciplina alvo. (FERREIRA, 2008) Desta forma, observa-se que, a música trabalhada de maneira correta, gera um grande resultado como recurso didático. Ferreira (2008) sugere que as disciplinas devem trabalhar, em alguns casos com ampla aplicação e em outros, restrita aplicação. "Em física, as variações dos movimentos comparados; artes, as variantes sonoras existentes na música; biologia, as diferentes possibilidades de emissão de sons por aparelhos auditivos e fonador; geografia, manifestações musicais indígenas; história, análise das letras antigas e atuais; língua portuguesa e literatura, análise da formação de palavras e gêneros literários, língua estrangeira, a presença de termos estrangeiros em músicas brasileiras; e muitas outras possibilidades." A análise das letras de canções populares, que tratam de temas científicos, quando utilizada em sala de aula como um recurso didático, não parece ser um fator limitante para auxiliar no processo ensino aprendizagem, ao contrário, é uma estratégia que motiva os jovens e que pode ser utilizado de forma interdisciplinar, como foi abordado por Matos apud Massarani (2006).

As atividades musicais nas escolas devem partir do que as crianças já conhecem desta forma, se desenvolve dentro das condições e possibilidades de trabalho de cada professor. FARIA (2001, p. 4), "A música passa uma mensagem e revela a forma de vida mais nobre, a qual, a humanidade almeja, ela demonstra emoção, não ocorrendo apenas no inconsciente, mas toma conta das pessoas, envolvendo-as trazendo lucidez à consciência". Para

Bréscia (2003, p. 81) "[...] o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo".

Além do entendimento da música como prática social e de seus benefícios, poderíamos também pensar que temos que integrar a música na escola porque existe uma lei federal, número 11.769, aprovada em 2008 (Brasil, 2008), que determina seu ensino na educação básica. A lei acrescenta ao artigo 26 da Lei 9394/96 o seguinte: "Com essa legislação, o ensino de música deverá estar presente na educação básica, o que implica também sua presença na Educação Infantil e Anos Iniciais." É necessário que os professores se reconheçam como sujeitos mediadores de cultura dentro do processo educativo e que levem em conta a importância do aprendizado das artes no desenvolvimento e formação das crianças como indivíduos produtores e reprodutores de cultura.

Só assim poderão procurar e reconhecer que a música é um instrumento facilitador do processo de ensino- aprendizagem e, portanto, deve ser possibilitado e incentivado o seu uso em sala de aula. No contexto escolar a música também ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida. DUCORNEAU (1984), diz que o primeiro passo para que a criança aprenda a escutar bem consiste em permitir que ela faça experiências sonoras com as qualidades do som como o timbre (qualidade do som que permite reconhecer sua origem), a altura (propriedade que permite o som ser mais grave ou mais agudo) e a intensidade (associada àquilo que nós comumente chamamos de volume). A diferença entre um som forte e um som fraco), depois disso, estará em posição de escuta.

Não se pode deixar de ressaltar aqui a diferença entre "escutar" e "ouvir" uma música. Segundo Nicole Jeandot (1997), para ouvir, necessitamos de um aparelho auditivo, em funcionamento, capaz de captar impressões de sons e ruídos. Já a escuta envolve interesse, motivação atenção. É uma atitude mais ativa que ouvir, pois selecionamos, no mundo sonoro, aquilo que nos interessa. A escuta envolve também a ação de entender e compreender, ou seja, possibilita tomar consciência daquilo que se captou através dos ouvidos. Snyders (1992) comenta que a função mais evidente da escola é preparar os jovens para o futuro, para a vida adulta e suas responsabilidades. Mas ela pode parecer aos alunos como um remédio amargo que eles precisam engolir para assegurar, num futuro bastante indeterminado, uma felicidade bastante incerta.

A música pode contribuir para tornar essa ambiente mais alegre e favorável à aprendizagem, afinal "propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente" (SNYDERS, 1992, p.14) Nas obras do educador Paulo Freire, encontramos referências à adequação do ambiente para o ensino. "Sonhamos com uma escola que, sendo séria, jamais vive sisuda. A seriedade não precisa ser pesada. Quanto mais leve é a seriedade, mais eficaz e convincente é ela. Sonhamos com uma escola que, porque é séria, se dedique ao ensino de forma não só competente, mas dedicada ao ensino e que seja uma escola geradora de alegria.

O que há de sério, até de penoso, de trabalhoso, nos processos de ensinar e aprender, de conhecer, é não transforma este "que fazer" em algo triste. Pelo contrário, a alegria de ensinar e aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. Precisamos é remover

os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são práticas necessariamente enfadonhas e tristes. É por isso que eu falava de que o reparo das escolas, urgentemente feito, já será a forma de mudar um pouco a cara da escola do ponto de vista também de sua alma (FREIRE. P; 2000, p.37).” A escola que sempre foi o sonho de todos os educadores não é a que ocorre hoje, principalmente pelo fato das instituições de ensino, muitas vezes carregar consigo um sinônimo de repressão. Muitos são os jovens e adultos que quando são alunos, já possuem uma história de exclusão e chegam muitas vezes na escola com indisposição para uma participação positiva em aula, que o levaria a um melhor aproveitamento escolar.

Se isso ocorre, e há formas comprovadas de reduzir a agressividade, porque não as usar. “É fundamental manter um ambiente de alegria e de ludicidade na classe. Sem humor, o educador não experiência o encontro existencial com o educando e bloqueia o próprio processo de ensinoaprendizagem. A educação tradicional colocou as virtudes: atenção, dedicação e responsabilidade como incompatíveis com a alegria e descontração.” (SILVEIRA,2008, p.28-31) Segundo Freire (1997, p.25), “não há docência sem discência, pois quem forma se forma e reforma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Dessa forma entende-se que o aluno precisa do professor e o professor precisa do aluno, pois o aprendizado não depende só do aluno. Utilizando a música de maneira sensata pode-se oferecer um conhecimento ao educando através do ensino lúdico na linguagem musical.

A MÚSICA NA SALA DE AULA

O gênero canção é fundamental na sala de aula, não apenas para o desenvolvimento da produção de texto, conhecimento de gêneros e apreciação musical (letra e melodia), mas, também, pelo fato de despertar emoções, pensamentos críticos e tornar os educandos mais sensíveis às questões e problemáticas do cotidiano. Durante todo o nosso texto procuramos apresentar materialidades linguística, discursiva e musical para que a canção possa ser compreendida e analisada em todos os seus aspectos. É comum quando um professor trabalha este gênero em sala e o limita apenas a superficialidade do texto, no entanto a conjuntura textual e musical não pode ser desvinculada. Além disso, é importante ressaltar que as metáforas, os silêncios e os efeitos produzidos pela canção permitem um amplo campo de discussão e reflexão para os indivíduos (educandos). Formulamos, a partir de conceitos e sugestões dos Parâmetros Curriculares Linguagens, alguns objetivos da presença da canção em sala de aula:

Trabalhar com as materialidades: letra (texto), música (ritmo, melodia, harmonia) litero-musical;

Discutir temas (poesia, história, questões sociais, arte, dentre outros);

Dar forma às experiências humanas;

Resgatar a cultura, sensibilizar e trabalhar o aspecto crítico-social dos educandos;

Constituir mediação entre sujeito e mundo, entre imagem e objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis;

Socializar e ser fonte de conhecimento. Selecionamos duas canções com estilos diferentes que podem ser trabalhadas na sala de aula: Bala perdida de Gabriel, o Pensador e Isto aqui, o que é? de Ary Barroso. Estas duas canções vão ter uma relação de proximidade com os educandos, principalmente os de escolas públicas. O Rap (Rhythym and Poetry – ritmo e poesia) traz consigo todo um movimento de problematização de questões socioculturais e abordam temas que geralmente estão ligados à realidade dos alunos. O ritmo e o canto quase falado, que é bastante característico deste estilo, chamam atenção e desperta interesse na comunidade estudantil

Bala perdida

(Gabriel Pensador)

Bom dia, mulher /

Me beija, me abraça, me passa o café /

E me deseja “Boa sorte” /

Que seja o que Deus quiser

Porque eu tô indo pro trabalho com medo da morte/

Nessas horas eu queria ter um carro-forte /

Pra poder sair de casa de cabeça erguida /

E não ser encontrado por uma bala perdida /

Querida, eu sei que você me ama

Mas agora não reclama, eu tenho que ir /

Não se esqueça de botar as crianças debaixo da cama na hora de dormir / Fica longe da janela e não abre essa porta, não importa o motivo /

Por favor, meu amor, eu não quero encontrar você morta se eu voltar pra casa

vivo /

Mas se eu não voltar não precisa chorar /

Porque levar uma bala perdida hoje em dia é normal / Bem mais comum do que morte natural / Nem dá mais capa de jornal Tchau!

Se eu demorar, não precisa me esperar pra jantar / E pode começar a rezar.

Pra variar estamos em guerra (2x). Pra variar...

Como pudemos observar na canção, o tema violência é constantemente protestado. Trazer essa problemática para a sala de aula permite com que os educandos reflitam sobre seu papel, o papel da sociedade e o papel do Estado. O que favorece a violência? Será possível resolvê-la? Existem culpados? Podemos fazer nossa parte? De que forma? Esses e outros questionamentos podem ser feitos pelo professor e a partir daí, depois de desenvolvida a temática da canção partir para a análise textual (observando a coesão, coerência, elementos gramaticais) e em seguida para a parte musical (o ritmo, os instrumentos, a melodia) para que, dessa forma, o educando compreenda os sentidos que estão no conjunto letra e música.

O samba, estilo originalmente brasileiro, traz consigo a essência de povos diferentes (portugueses e africanos) que se aglutinaram para a formação de elementos musicais bastante particulares. Neste estilo a proximidade com as próprias raízes culturais facilitará a escuta e análise deste gênero textual e propiciará discussões e reflexões sobre os temas das canções e seu aspecto litero- musical.

Isto aqui, o que é?

(Ary Barroso)

Isto aqui, ô ô É um pouquinho de Brasil iá iá

Deste Brasil que canta e é feliz, feliz, feliz,

É também um pouco de uma raça

Que não tem medo de fumaça ai, ai E não se entrega não

Olha o jeito nas 'cadeira' que ela sabe dar Olha só o remelexo que ela sabe dar

(Repete) Morena boa, que me faz penar, Bota a sandália de prata E vem pro samba sambar.

O samba acima, pode ser trabalhado de forma que os educandos resgatem um pouco da cultura nacional e/ou regional, percebendo as sonoridades e expressões advindas de uma mistura cultural (modinha portuguesa e lundu africano) e tenha interesses em conhecer a história de um ritmo que é originalmente brasileiro e que possui muitas variantes e é bastante popular até hoje.

É importante selecionarmos canções que sejam de interesse comum e conhecidas. Normalmente encontramos em livros didáticos canções que muitas vezes os educandos nem conhecem ou que a possibilidade de a executarmos (cd ou dvd) é difícil. No entanto, reconhecemos que é um instrumento que propicia uma reflexão e compreensão de aspectos lítero-musical (que é fundamental para o desenvolvimento de leitura e compreensão de texto e percepções sonoras), como também conhecimento e proximidade da cultura que precisa ser presente na educação. Por isso o educador3 pode e deve utilizar a canção como mais um instrumento de suporte para o seu trabalho em sala de aula.

Com a música "Meu País" da dupla de cantores e compositores Zezé de Camargo e Luciano é possível propor a interpretação, a leitura, a reflexão e produção de texto a partir da realidade dos próprios estudantes e do incentivo à observação de seu meio, seja do ambiente em que vive ou da realidade próxima que nos é exposta diariamente pelas diferentes mídias.

Meu país

(Zezé de Camargo e Luciano)

Aqui não falta sol

Aqui não falta chuva

A terra faz brotar qualquer semente

Se a mão de Deus

Protege e molha o nosso chão

Por que será que ta faltando pão?

Se a natureza nunca reclamou da gente

Do corte do machado, a foice, o fogo ardente Se nessa terra tudo que se planta dá Que é que há, meu país?

O que é que há?

Tem alguém levando lucro

Tem alguém colhendo o fruto

Sem saber o que é plantar

Tá faltando consciência

Tá sobrando paciência
Tá faltando alguém gritar
Feito um trem desgovernado
Quem trabalha tá ferrado
Nas mãos de quem só engana
Feito mal que não tem cura
Estão levando à loucura
O país que a gente ama
Feito mal que não tem cura
Estão levando à loucura
O Brasil que a gente ama

No ensino médio, há, de acordo com a proposta pedagógica do MEC - (Ministério da Educação), muitas práticas para auxiliar o ensino do professor de Língua Portuguesa. São planos de estudo de forma interdisciplinar, sugerindo que o processo pedagógico tenha como base:

O trabalho sistematizado com leituras de publicações diversas, além do livro didático, selecionando temas e construindo objetivos de estudos capazes de integrar os conhecimentos trabalhados nas respectivas áreas de conhecimento e interdisciplinarmente; envolvendo os alunos nesse processo de escolha; valorizando a cultura e o contexto local referenciados na cultura global, levando-se em conta os interesses, a realidade e os projetos pessoal/sociais do aluno;

A produção coletiva dos textos, de acordo com a identidade da escola, dos alunos e da região, de forma a ultrapassar a perspectiva homogeneizante imposta pelo livro didático. (BRASIL, 2006).

Acrescentar a música nas práticas pedagógicas possibilita ao professor de língua materna desenvolver nos alunos a leitura, reflexão e produção de textos, de maneira menos enfadonha, utilizando, por exemplo, rádio (para ouvir a música), fotocópias (para fazer leitura), na TV e DVD.

Segundo o Mec (BRASIL, 2006), no Ensino Médio, a perspectiva interdisciplinar e a proposta pedagógica são vastas, como já citadas, mas, no entanto, ainda há, entre a classe de educadores, insatisfação na questão do aprendizado, desejando que, em sala de aula, haja, entre os alunos, o prazer em aprender.

Essa insatisfação dos professores surge não só da questão do ensino, mas da realidade social, como afirma (ALMEIDA, 1999, p.14-15)

"[...]miséria social e a miséria da língua confundem-se. Vemos que conseguir falar, hoje, já é uma proeza fantástica para a multidão que não desfruta das riquezas econômicas (que ela mesma produz). Não meramente grunhir uns sons para suprir necessidades básicas; falar mesmo, dizer ao mundo, suas vidas, seus desejos, prazeres; dizer coisas para transformar, dizer o seu sofrimento e suas causas, dizer o que fazer para mudar, lutar" (ALMEIDA, 1999, p.14-15).

Em observações de campo, nota-se que as realidades sociais e linguísticas se pautam tal como a afirmação acima; mesmo assim, considera-se que a escola pode ser o lugar de melhoria da realidade, a partir do trabalho com diferentes formas de linguagem em que o aluno não se sinta preso ou impedido de "dizer o mundo" e que não considere a escola como um planeta distante da realidade atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar as multiplicidades tecnológicas em sala de aula, aqui representadas pela música, Suassuna (1995) cita Braga (1979), num de seus artigos na questão do ensino e dos meios de comunicação de massa. Segundo ele, [...]essa profusão de códigos, linguagens e mensagens que nos circundam em cada instante e em cada canto de nosso cotidiano, não está nos imbecilizando, mas criando novas formas e estruturas de pensamento, outros modos de ver, "apalpar" o mundo e interagir com ele. Ao invés de vermos esses outros processos de leitura como inimigos viscerais da linguagem verbal, creio que teríamos de buscar enxergar as possíveis riquezas de seus entrecruzamentos.

Para Orlandi (1988), a leitura é produzida em condições determinadas, dentro de um contexto sócio histórico que deve ser levado em conta. Ela define a leitura como atribuição de sentidos, usada, indiferentemente, tanto para a escrita quanto para a oralidade, pois, se há linguagem, há leitura, sendo responsável pela vida intelectual.

Afirma ainda que o leitor não interage com o texto (sujeito/objeto), mas com outros sujeitos (leitor imaginário, autor...). A interação da leitura que a autora diz existir é o jogo entre o leitor imaginário e o leitor real. Para ela, os domínios linguísticos, pedagógicos e sociais estão integrados ao mesmo tempo.

De acordo com a autora (op. cit.), os sentidos que podem ser lidos em um texto podem ou não estar contidos nele. Então, o processo de ler é bastante complexo e não se limita ao imediato. Saber ler, para ela, é saber o que o texto diz e o que ele não diz; e o sentido do texto está determinado pela posição que ocupam aqueles que o produ-

zem (emitentes e leitores). Define dois tipos de leitura:

Parafrástica: que se caracteriza pelo reconhecimento (reprodução) do sentido dado pelo autor;

Polissêmica: que se caracteriza pela atribuição de múltiplossentidos do texto.

Há, então, a "pluralidade das leituras", ou seja, a possibilidade de ler um texto de várias maneiras. Essa possibilidade de reflexão sobre as diferentes leituras de um mesmo texto pode de forma prazerosa abrindo espaço para a exploração de diferentes aspectos se dar através das canções conhecidas ou desconhecidas que devem ser apresentadas aos alunos por seus educadores.

A música é uma valiosa fonte de linguagem autêntica e existem centenas de maneiras de explorá-las em sala de aula. A internet tornou-se uma aliada na busca das letras das canções. É possível utilizar diferentes estratégias a partir de canções para abordar diferentes conteúdos do estudo da língua.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.J. Ensinar Português?. In: GERALDI, J. W. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais.

FERREIRA, A.B.H. Minidicionário da Língua Portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, M. Como usar a música em sala de aula. São Paulo: Ensino Contexto, 2002.

GERALDI, J.W. Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado das Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1996.

LOPES, H.V. Os direitos humanos e o ensino da língua. In.: MURRIE, S. F. (org.). O ensino de português: do primeiro grau à universidade. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MANACORDA, M.A. História da educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1989.

MARCUSCHI, L. A. Leitura e compreensão de Texto Falado e Escrito como Ato Individual de uma Prática Social. IN: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. (Org.) Leitura: perspectivas interdisciplinares. Campinas: Ática, 1988.

MESERANI, S. O Intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação. São Paulo: Cortez, 1995.

ORLANDI, E. Discurso e leitura. 4.ed. Campinas: Cortez, 1988.

ROMÃO, L.M.S.; PACIFICO, S.M.R. Era uma vez uma outra história: leitura e interpretação na sala de aula. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2006.

SILVA, Y.J. Meios de comunicação e educação: o rádio, um poderoso aliado. IN: CIAPPINI, L. (Org.) Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SUASSUNA, L. Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática. Campinas: Papirus, 1995.

TRAVAGLIA, L. C. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática nos 1º e 2º graus. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1998.